

# Helena x Helena: a luta das contrárias que move o mundo

POR DALTON L. DE M. REIS

Doutor em Educação, Servidor do Campus Blumenau do IFC, dalton.reis@ifc.edu.br

Sobre a paródia *Mulheres burguesas* (de Atenas) de Rafael Hagemeyer<sup>1</sup>.

*A liberdade apenas para os partidários do governo, apenas para os membros do partido, por muitos que sejam, não é liberdade. A liberdade é sempre a liberdade de quem pensa de outro modo.*

Rosa Luxemburgo

*A ironia é a expressão mais perfeita do pensamento.*

Florbela Espanca

*O diabo é que todos os direitistas que conheço são muito mais direitistas do que dizem e todos os esquerdistas são muito menos do que afirmam*

Millôr Fernandes

Uma discussão, após realizada, nem sempre encontra um ponto em comum. Isso se deve a um conjunto diverso de fatores que variam desde o tipo de assunto abordado, o conhecimento relativo aos assuntos tratados, como também a forma de ver as coisas do mundo que cada indivíduo possui. De mais a mais, isso acontece, inclusive, se o tema abordado tiver o pressuposto de conter algum consenso, como por exemplo: a consideração da prática fascista como um tipo de conduta execrável.

Esse é um tema muito sério. É difícil achar graça na quantidade de mortos pelo regime liderado por Benito Mussolini. Entretanto, de minha parte, é difícil não ocorrer a elevação da comissura labial, por meio do movimento do músculo zigomático maior, ao ver a foto do *Duce* pendurado de cabeça para baixo. O que talvez demonstre o meu gosto duvidoso para o humor...

O humor abrange áreas de estudo como da neurociência cognitiva, da linguística, da psicologia, da antropologia, da história e mais uma reunião variada de disciplinas. Dentro de cada uma dessas áreas, encontram-se múltiplas teorias que podem ser estudadas por quem quiser se enveredar neste campo de estudos. O humor também é um palco de intermináveis debates. Qualquer humorista que já foi entrevistado deve ter ouvido a pergunta: "O humor tem limites?". Eu não sou humorista, nem estudo sobre o tema e mal sei contar duas piadas. Mas isso não me impede de

1. 'Mirem-se no exemplo daquelas mulheres/Burguesas/Vivem bem como querem/Em-poderadas burguesas

Com dinheiro, com propriedade/Tem direito a privacidade/E seus dilemas/Falam de colonialidade/Gênero na diversidade/E outros problemas/Resenhas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres/Burguesas/Loiras, negras morenas/Grisalhas ou ruivas, chinesas

Com denúncias, críticas, cotas/Reconhecem dívida histórica/Questões endêmicas/Contam com a Fundação Ford/Promovem inclusão de quem pode/Que torna penas/Amenas

Mirem-se no exemplo daquelas mulheres/Burguesas/São como a Petra Costa/Democracias burguesas

Elas não têm medo de nada/De marido ou de namorada/Têm gozo apenas/Vestem-se de Gucci ou de Prada/Bolsa de valores cotadas/Suas empresas/Soberbas

Mirem-se no exemplo/Daquelas mulheres/Burguesas/Exploram a mais valia/Ficando ricas/Burguesas

analisar o tema e de ter um posicionamento diante dos eventos que ganham algum destaque “nessa *bad trip* escrota em que a gente se meteu”<sup>2</sup>.

No documentário *O riso dos outros*, de 2012, é apresentada uma interessante reflexão que permeia a pergunta sobre os limites do humor. Nele, além da exibição de alguns dos trechos de *stand-ups* que deixam claro o posicionamento dos humoristas, aparece também a questão: “De qual lado da piada você está?”

Muito recentemente, escutei uma paródia de Rafael Hagemeyer<sup>3</sup> que acabou gerando uma polêmica devido à natureza da temática abordada no contexto atual de protagonismo dos debates sobre a questão de gênero no mundo e em especial no Brasil. A paródia, que é um gênero acusado de inimigo da originalidade por alguns, exerce um papel importante tanto no sentido de ser uma crítica aguda aos mais variados temas, quanto no de resgatar as lembranças, com o potencial de reelaborar a compreensão daquilo que já foi vivenciado pelos sentidos na experiência com as manifestações artísticas. Ou seja, é da natureza da paródia provocar os nossos sentidos e, principalmente, afrontar a nossa razão. O mérito de uma paródia pode ser medido pelo quanto ela é capaz de instigar alguém a se posicionar sobre o assunto tratado ou pela polêmica por ela gerada. Esse é caso da paródia intitulada *Mulheres burguesas (de Atenas)*, de Hagemeyer.

O objeto parodiado, a música composta por Chico Buarque e Augusto Boal *Mulheres de Atenas* foi e continua a ser um caso de análise e busca por interpretações novas. A letra em si evoca de forma irônica a condição subalterna da mulher, a opressão e a dominação masculina ocorridas na cidade de Atenas. Esta primeira ironia se desloca no tempo e no espaço ao se verificar que os autores escreveram em plena ditadura empresarial e militar e buscaram trazer essa condição da mulher de Atenas como uma metáfora da vida sob a ditadura. Aliás, uma canção que cabe bem na atual conjuntura brasileira capitalista-pandêmica-protofascistóide.

Alguns dos temas que estão presentes no conteúdo de ambas as letras das músicas possuem um caráter universal. É o caso dos conteúdos relativos ao tema da dominação. Em Hegel, o assunto transpassa destacadamente no texto da *Fenomenologia do Espírito*, quando o autor apresenta o processo da busca de reconhecimento da consciência-de-si por outra consciência-de-si. Esse processo ficou conhecido na passagem que o autor descreve a relação entre o senhor e o servo. Embora tenha uma aparência simples, o assunto indica a complexidade na qual cada consciência integrante de uma relação de dominação, seja na posição do ser dominador ou do ser dominado, acomoda-se em um ponto de aceitação de sua condição e passa a usufruí-la. O deslocamento do tempo no devir se dá por meio do movimento da ação entre contrários, no qual surge a possibilidade da consciência dominada superar a sua condição por meio da dimensão do trabalho (produzir a sua própria vida e a vida de seu senhor) e da luta política. A dominação continua a ser um tema dos mais importantes no tempo presente.

Curiosamente, se pretendesse realizar uma transposição do tema no viés hegeliano para pensar a questão de um gênero que busca o **reconhecimento** a partir de sua **identidade**, esbarrar-se-ia com a particular forma com que Hegel caracteriza o papel da mulher. Entre os que estudam o assunto, a forma de perceber o papel da mulher em Hegel é definida como o de complementariedade de gênero.

Elas com suas empregadas/Não parecem muito malvadas/Demitem apenas/Mas gostam do Chico Buarque/ Investindo em obras de arte/E escolhem os temas/Mecenas Mirem-se no exemplo/Daquelas mulheres/Burguesas/Morrem quase de tédio/Não há remédio/Burguesas

As conservadoras reações/Progressistas hipster ricas/Não fazem cena/Fazem contas, fazem de conta/Dedução de imposto é que conta/Nas suas rendas/ Obscenas

Mirem-se no exemplo/Daquelas mulheres burguesas/ Quem humilha os machistas/São feministas/Burguesas

Disponível em: <https://bit.ly/3pqDgdl>

2. Expressão/bordão utilizado pelo podcast *Medo e delírio em Brasília*, escrito por Pedro Daltro e produzido por Cristiano Botafogo. O sentido do termo é o de uma *viagem ruim* e que prefiro entender como a “merda de mundo em que a gente se meteu”. Em <https://bit.ly/3eT-IJm>

3. Professor da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Seus projetos de pesquisa e extensão estão relacionados a Música, Cinema, Arte e Política, movimentos sociais e meios de comunicação.

Para entender o significado disso em Hegel é preciso dar um passo em direção ao entendimento do papel da família para o autor alemão:

Como substancialidade imediata do espírito, a família determina-se pela sensibilidade de que é una, pelo amor, de tal modo que a disposição de espírito correspondente é a consciência em si e para si de nela existir como membro, não como pessoa para si (1997, p. 149).

Ocorre que, para formar esta coisa **una**, os componentes da família devem compor um todo orgânico no qual o homem substancializa a sua parte com a intervenção na esfera “do Estado, na ciência, etc., e também na luta e no trabalho” (1997, p. 155). O que resta para a mulher senão retribuir o seu amor na forma de substancializar as suas ações com o cuidado do lar e da prole? (*Tenho que registrar que a frase anterior é uma ironia*). A importante contribuição filosófica da teoria hegeliana deve ser reconhecida dentro de uma etapa muito importante de constituição dos elementos teóricos para poder ascender à compreensão do **real** tal qual temos hoje. Contudo, fica evidente que o esforço do autor ao abordar a relação entre os sexos não ultrapassa nenhuma forma anterior que já tenha explicitado a condição subalterna da mulher. Nem anterior e nem posteriores, como por exemplo, os representantes da igreja.

Em 29 de junho de 1995, é lançada a *Carta do papa João Paulo II às mulheres* (Paulo II, 1995), na qual se reproduz a compreensão de complementariedade. A condução do texto da carta se dá dentro de um contexto explicativo a partir do livro do *Gênesis*, que argumenta sobre a criação do homem feita por Deus. Em certo momento, mesmo cercado pelas inumeráveis criaturas do mundo visível, o homem se sente só. Deus, então, fez uma intervenção: “Não é conveniente que o homem esteja só; vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele” (1995). O auxílio, segundo o sumo pontífice, tem um caráter de reciprocidade complementar:

A mulher é o complemento do homem, como o homem é o complemento da mulher: mulher e homem são entre si *complementares*. A feminilidade realiza o «humano» tanto como a masculinidade, mas com uma modulação distinta e complementar. Quando o Gênesis fala de «auxiliar», não se refere só ao âmbito do *agir*, mas também do *ser*. Feminilidade e masculinidade são entre si complementares, *não só do ponto de vista físico e psíquico*, mas também *ontológico*. Só mediante a duplicidade do «masculino» e do «feminino», é que o «humano» se realiza plenamente [...] Na sua reciprocidade sponsal e fecunda, na sua tarefa comum de dominar e submeter a terra, **a mulher e o homem não refletem uma igualdade estática e niveladora, mas tampouco comportam uma diferença abissal e inexoravelmente conflituosa**: a sua relação mais natural, conforme ao desígnio de Deus, é a *«unidade dos dois»*, ou seja, uma «unidualidade» relacional, que permite a cada um de sentir a relação interpessoal e recíproca como um dom enriquecedor e responsabilizador [...]

Normalmente, o progresso é avaliado segundo categorias técnicas e científicas; ora, até sob este ponto de vista, não falta a contribuição da mulher. Mas, essas não são as únicas dimensões do progresso, antes, não são sequer as principais. Mais importante ainda é a *dimensão ético-social*, que diz respeito às relações humanas e aos valores do espírito: e, nesta dimensão, frequentemente desenvolvida sem alarde, a partir das relações quotidianas entre as pessoas, especialmente dentro da família, a sociedade é em larga medida devedora, precisamente ao «gênio da mulher» (Paulo II, 1995) (grifo nosso).

A qual mulher estão as consonantes abordagens se referindo? Aqui, o entendimento de Hegel se junta ao “espírito absoluto” da voz papal para nos dar o esclarecimento. A explicação encontra-se na dimensão ético-social que diz respeito às relações humanas e aos valores do espírito (que ocorrem especialmente dentro da família), diferenciando-se dos aspectos técnicos e científicos (mundo da produção material). Da forma como se entende nesta reflexão, essa explicação (ético-social) não só é insuficiente como, principalmente, é uma maneira equivocada de tratar a questão.

É verdade que a opressão e a dominação têm uma existência há milhares de anos. Mas também é verdade que ocorreram modificações na maneira como se apresentaram as formas de dominação e opressão nas distintas relações sociais. Em um tipo de aparente contradição, podemos afirmar que, na época em que Hegel levava ao máximo a produção filosófica burguesa, ainda nem estava consolidada a relação social do capital em seu protagonismo. A forma mercantil já havia se mundializado e já se indicava o breve surgimento do horizonte que submeteria toda a vida social a sua nova dinâmica.

O que não estava presente no entendimento de Hegel (inclusive por motivos históricos) e nem na compreensão do Papa (esse não tem desculpa) é o que passou a caracterizar de modo principal a nova relação social: a **exploração** na forma típica do capital. Para o intuito aqui sugerido, não é necessário dizer mais do que o seguinte, como uma definição inicial: possuidores de meios de produção desenvolvem um mercado no qual se encontram com os que não possuem nenhum outro meio de produzir a sua vida além de sua força de trabalho. Nesse processo, a força de trabalho, no interior do processo produtivo, gera um valor maior do que ela custa para o proprietário dos meios de produção e contratante da força de trabalho. O valor, em um processo incansável de valorização, torna-se a ser reinvestido com mais meios de produção, na forma de um moto-contínuo sem data para terminar. A garantia jurídica e política (por meio da coerção e do consenso) é avalizada pelo Estado como ente que expressa o interesse da classe dominante. O Estado do capital não está em disputa e nem é palco da luta de classes como muitos imaginam.

A partir dessa superficial aproximação sobre o significado da relação social do capital, cabe indicar outra questão de bastante complexidade que está diretamente relacionada a esta. O que determina a vida social?

Depende.

Se a pergunta estivesse sendo realizada dentro de uma fortificação de propriedade de um senhor feudal, rodeada por uma vila de camponeses que trabalham para este senhor, a resposta seria: a propriedade da terra sob os auspícios de deus.

No caso da sociedade do capital, a resposta ganha em complexidade. A relação social do capital que foi descrita acima não foi obra de uma criação divina. Foi fruto do desenvolvimento e generalização da atividade mercantil criada pelas mulheres e pelos homens. Partindo de um processo de complexas metamorfoses, a criatura (a relação social do capital) passa a determinar a ação dos criadores (os seres humanos) em todas as dimensões de sua vida social. A objetividade deste tipo de exploração só pode ser desvendada por um processo de desmistificação teórica que também exprime um alto grau de complexidade (tenta dar “só” uma “passada de olhos” em

O *capital...*). Em resumo, isso significa dizer que a resposta sobre a determinação atual da vida social é: a sociedade do capital.

O destaque que a paródia *Mulheres burguesas* merece consiste no fato de especificar o caráter burguês da condição de um determinado grupo de mulheres, sendo que esse não põe fim ao problema da relação entre os gêneros. Segue nas palavras do autor: “Mirem-se no exemplo/ Daquelas mulheres/ Burguesas/ Exploram a mais valia/ Ficando ricas/ Burguesas”.

Ele explicita que a condição de sobrevivência daquelas passa por produzir uma mercadoria com o menor custo unitário, visando ganhar a disputa entre vida e morte com a concorrência no mercado capitalista. A mulher proprietária de capital, de forma igual ao homem, vai ter que brigar para reduzir o custo da força de trabalho no processo de produção de forma invariável.

A indignação de algumas pessoas com a paródia parece esquecer que tanto faz se a força de trabalho é explorada por uma empresa de propriedade de uma mulher ou de um homem. Ou pior, a indignação põe a nu a torcida de algumas mulheres a favor de outras mulheres que conseguem um sucesso empresarial na forma de proprietárias de grande capital. Nesse caso, mesmo se tivéssemos como pressuposto que a relação social do capital que produz o mais valor não contivesse preconceito de gênero, ainda assim, a condição de proprietárias privadas dos meios de produção não seria uma condição universalizável para todas as mulheres. Ficar ameno perante este ponto significa reproduzir a perspectiva liberal que afirma ser o sucesso ou o fracasso de cada indivíduo uma consequência do seu próprio esforço.

E, novamente, faço uma consideração explicativa para deixar a posição bem clara, porque senão posso ser mal interpretado: a menção feita aqui no texto não se refere às pessoas que estão submetidas a essa condição geral de miséria e que lutam para garantir a sua sobrevivência por meio de seu pequeno empreendimento. Compreendendo que seja essa, também, a perspectiva que está contida na paródia de Hagemeyer. O ponto central da paródia foca a crítica às mulheres burguesas.

Todavia, isto não resume a obra criativa de *Mulheres burguesas (de Atenas)*. Existe um outro conjunto de referências que também podem ter causado contrariedade e desconforto: Fundação Ford, empoderamento, gênero na diversidade, decolonialidade, democracia burguesa, progressistas, *hipsters*. São alguns exemplos de assuntos que, em si, não aduzem problemas para aqueles e aquelas que os utilizam de forma assexuada. O fato é que não foi assim que Hagemeyer os utilizou.

O conjunto de sua paródia destaca o universal do capital nas formas em que esse se particulariza, no jeito utilizado por uma expressiva quantidade de pessoas, por meio dos temas: empoderamento, democracia burguesa, diversidade e etc. Esses pontos particulares, que assumem a condição de um outro patamar teórico, colocam-se como determinações adicionais ao elemento universal e se realizam quando, na sua singularidade, se tornam a imagem e semelhança do seu criador universal. Sob a perspectiva aqui adotada, o posicionamento que não demonstra a relação desses temas com a determinação principal de toda a vida social, direta ou indiretamente a corrobora.

É evidente que, a essa altura da conversa, entramos em uma seara muito mais complexa e que não será possível, nesta resenha, desenvolver os fundamentos que indicam a racionalidade do aqui exposto. O propósito principal é o de sustentar que a crítica desenvolvida na paródia *Mulheres burguesas (de Atenas)* demonstra unidade e coerência para abordar, de forma criativa, a condição da sociedade do capital reproduzida por meio do comando e da condução das estruturas econômicas, também por meio da direção das mulheres. Esse fato não torna melhor o mundo em que vivemos.

A humanidade ergueu sobre a natureza todas as coisas que nos rodeiam. Sob o comando do capital produz-se desumanidade porque não produzimos os valores de uso para a satisfação de nossas necessidades. Produzimos mercadorias para formar a força de trabalho (que é a fonte de acumulação de capital), o que é muito diferente. Após uma das passagens mais irônicas em *O capital*, na parte que se refere ao processo de trabalho e processo de valorização, Marx (1985) conta em seguida (de forma séria) que alguém acha graça neste processo:

Mas o decisivo foi o valor de uso específico dessa mercadoria ser fonte de valor, e de mais valor do que ela mesma tem. Esse é o serviço específico que o capitalista dela espera. E ele procede, no caso, segundo as leis eternas do intercâmbio de mercadorias. Na verdade, o vendedor da força de trabalho, como o vendedor de qualquer outra mercadoria, realiza seu valor de troca e aliena seu valor de uso. Ele não pode obter um, sem desfazer-se do outro. O valor de uso da força de trabalho, o próprio trabalho, pertence tão pouco ao seu vendedor, quanto o valor de uso do óleo vendido, ao comerciante que o vendeu. O possuidor de dinheiro pagou o valor de um dia da força de trabalho; pertence-lhe, portanto, a utilização dela durante o dia, o trabalho de uma jornada. A circunstância de que a manutenção diária da força de trabalho só custa meia jornada de trabalho, apesar de a força de trabalho poder operar, trabalhar um dia inteiro, e por isso, o valor que sua utilização cria durante um dia é o dobro de seu próprio valor de um dia, é grande sorte para o comprador, mas, de modo algum, uma injustiça contra o vendedor. Nosso capitalista previu o caso que o faz **sorrir** (MARX, 1985, p.160) (grifo meu).

A descoberta do capitalista me faz surgir na face um sorriso “amarelo”, no sentido empregado para esta cor durante a Idade Média como a cor da luz do inferno, da traição e do engano. É preciso raiva e paciência...

Como afirmado, não levo jeito para humorista, assim mesmo, penso ter deixado claro de que lado da piada me posicionei e, da mesma maneira, o lado do autor da paródia. ↗

## REFERÊNCIAS

---

ARANTES, Pedro. Filme-documentário: *O riso dos outros*. In: [https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY\\_qgd54](https://www.youtube.com/watch?v=uVyKY_qgd54), 2012.

BOAL, Augusto e HOLANDA, Francisco Buarque. *Mulheres de Atenas – Para a peça Mulheres de Atenas de Augusto Boal*. In: [http://www.chicobuarque.com.br/letras/mulheres\\_76.htm](http://www.chicobuarque.com.br/letras/mulheres_76.htm), 1976.

DALTRO, Pedro e BOTAFOGO, Cristiano. *Medo e delírio em Brasília*. In: <https://medoedelirioembrasilia.wordpress.com/>

HAGEMEYER, Rafael Rosa. *Mulheres burguesas* (de Atenas). In: <https://www.youtube.com/watch?v=sibSjx3ZBOQ>, 2020

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis: Vozes/ Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2013.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da paródia: ensinamentos das formas de arte do séc. XX*. Rio de Janeiro: Edições 70/ Lisboa: Edições 70, 1989.

MARX, Karl. *O capital: crítica da Economia política*. Livro Primeiro, Volume I. São Paulo: Nova Cultural, 1985.

PAULO II, João. *Carta do Papa João Paulo II às Mulheres*. In: [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_29061995\\_women.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1995/documents/hf_jp-ii_let_29061995_women.html), 1995.